

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A PANDEMIA E O ATUAL CENÁRIO EDUCACIONAL: REVISITANDO FERENCZI

ALEXANDRE PATRICIO DE ALMEIDA¹

¹Psicanalista, professor universitário em cursos de graduação e pós-graduação. Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Doutorando pelo mesmo Programa e instituição. Pesquisador CNPq. Autor de diversos livros e artigos sobre psicanálise.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar, sob a ótica da teoria psicanalítica, as recentes alterações nas formas de subjetivação e de adoecimentos psíquicos promovidos pela pandemia do novo vírus Covid-19. Para tanto, serão utilizadas algumas ideias de Sigmund Freud a fim de se pensar o processo de luto e a as perdas de objeto que fundamentam e estruturam a posição melancólica – o que, atualmente, ficou mais conhecido como depressão, devido às influências da nosografia psiquiátrica. De que forma esse contexto de mortes e perdas impactam os modos de ser e estar no mundo? Por que esse período de quarentena pode representar uma reviravolta nas configurações sociais e culturais presentes e futuras? Visando ampliar a discussão, o artigo se debruça, posteriormente, sobre o tema da educação e as alterações estruturais realizadas bruscamente pela imposição do isolamento social, que obrigou, de súbito, uma espécie de reinvenção da posição ocupada pela escola, abarcando professores, alunos e a comunidade como um todo. Neste âmbito da pesquisa serão abordados, essencialmente, alguns aspectos da teoria do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, principalmente no que tange à sua concepção de trauma psíquico, articulando esse conceito com a atual condição de desamparo afetivo que atravessa o contexto educacional pandêmico. Longe de propor respostas prontas, o trabalho apresentado problematiza as vivências de nossa época, salientando a importância da compreensão da subjetividade humana além dos fatores provenientes da racionalidade objetiva.

Palavras-chave: Psicanálise; Freud; Pandemia; Educação; Luto; Ferenczi.

PSYCHOANALYTIC THOUGHTS ON THE PANDEMIC AND THE CURRENT EDUCATIONAL SCENARIO: REVISITING FERENCZI

ABSTRACT

This article aims to analyze, from the perspective of psychoanalytic theory, the recent changes in the forms of subjectivation and psychological illnesses promoted by the pandemic of the new Covid-19 virus. For this, some of Sigmund Freud's ideas will be used in order to think about the mourning process and the object losses that underlie and structure the melancholic position - what, nowadays, is better known as depression, due to the influences of psychiatric

nosography. How does this context of death and loss impact the ways of being and being in the world? Why can this period of quarantine represent a turning point in the present and future social and cultural configurations? Aiming to broaden the discussion, the article will later address the issue of education and the structural changes brought about abruptly by the imposition of social isolation, which suddenly forced a kind of reinvention of the position occupied by the school, encompassing teachers, students, and the community as a whole. In this research, some aspects of the Hungarian psychoanalyst Sándor Ferenczi's theory will be essentially approached, mainly in what concerns his conception of psychic trauma, articulating this concept with the current condition of affective helplessness that crosses the pandemic educational context. Far from proposing ready-made answers, the work presented problematizes the experiences of our time, highlighting the importance of understanding human subjectivity beyond the factors arising from objective rationality.

Keywords: psychoanalysis; Freud; pandemic; education; grief; Ferenczi.

1 INTRODUÇÃO

Um dos maiores textos que marcaram a história da psicanálise foi, sem dúvida alguma, “Luto e melancolia” (1917) de Freud. Essa obra é considerada fundamental para compreendermos as configurações subjetivas e os estados de sofrimento psíquico provocados pelo luto que, quando não elaborados, podem lançar o sujeito às mazelas da melancolia. Essa hipótese teórica, por mais que possa parecer remota e clássica é, no entanto, bastante útil para refletirmos a respeito do nosso cenário contemporâneo, caracterizado por mortes e o penoso trabalho de luto que todas essas perdas demandam do psiquismo dos indivíduos que passaram por essa situação – até o dia de hoje, 31 de agosto de 2021, ultrapassamos a marca lamentável de 580 mil mortos, de acordo com uma matéria publicada no portal de notícias do G1 (globo.com), nesta mesma data citada.

Voltemos alguns meses atrás. Em março de 2020, a pandemia do novo Coronavírus fatalmente bateu em nossas portas. Todos os povos, nos mais diversos cantos do planeta foram, inevitavelmente, assolados por uma ameaça invisível que passou a desestabilizar as atuais condições de segurança; o que acabou por derrubar as estruturas erguidas pela sustentação de nossa onipotência narcísica – predominante nas fantasias de controle dos seres humanos que, nem de longe, admitem lidar com a sua condição inerente de fragilidade. Achávamos, então, que tínhamos alguma certeza da vida – pelo menos a certeza da continuidade da rotina – até nos depararmos com as rédeas do isolamento social – obedecido por alguns, descumprido por muitos.

Mas o fato é que a disseminação da Covid-19 tocou no âmago de cada um de nós, descontruindo as nossas estruturas imaginárias, ao passo em que também desmantelou o

pouco que nos restava de saúde mental, ainda mais dentro deste contexto desgovernado do nosso país – precário em ofertas de empregos, saúde, educação e assistência social para uma vida razoavelmente digna.

À guisa de exemplo e ampliação dessa discussão, uma matéria publicada pela BBC News, em 15 de setembro de 2021, aponta que o banco Itaú reduziu sua expectativa para o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) no próximo ano (2022) de 1,5% para 0,5%. O maior banco privado do país também passou a prever aumento do desemprego no próximo ano, com a taxa de desocupação subindo de 12,1% ao fim de 2021, para 12,5% em dezembro de 2022. Além do Itaú, diversas outras instituições financeiras e casas de análise passaram a prever PIB menor, inflação mais alta e juros também mais elevados no cenário próximo (CARRANÇA, 2021). Esses são apenas alguns exemplos quantitativos que fundamentam e confirmam, estatisticamente, muito do que fora exposto como premissa básica deste artigo.

Como se não bastassem as previsões negativas para 2022, desde março de 2021 – período em que a pandemia se manifestou com toda a sua potência destrutiva – somos frequentemente assolados por notícias, gráficos, dados e estatísticas que impregnam o nosso cotidiano com as tonalidades sombrias da morte, seja sob a nossa vontade ou não. A ruína da vida nunca esteve tão em alta – literalmente. Muitos indivíduos perderam pessoas próximas, outros, mais distantes. Até a data de hoje, é raro não conhecer alguém que foi vítima deste vírus letal. Em seu texto “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte” de 1915, Freud tece a seguinte exposição – que nos soa assustadoramente atual:

Não seria melhor dar à morte o lugar que lhe é devido na realidade e em nossos pensamentos, e colocar um pouco mais à mostra a nossa posição inconsciente em relação à morte, que até agora reprimimos [*unterdrückt*] cuidadosamente? Isso não parece ser nenhuma realização mais elevada, mas muito mais um passo atrás em muitos aspectos, uma regressão, mas tem a vantagem de melhor considerar a força da verdade e de nos tornar a vida mais tolerável novamente. (FREUD, 1915/2020, p. 132)

Pois bem, aparentemente seguimos pela direção oposta das palavras de Freud. Após o descontrole escancarado do número de mortes e do alto índice de contágio, a primeira medida tomada pelos órgãos responsáveis que integram o nosso Governo Federal foi a de esconder da imprensa e negar os dados estatísticos reais, dificultando completamente o acesso à verdade. Entretanto, o implicado trabalho dos veículos de comunicação, mesmo diante das imposições de censura, conseguiu trazer à tona parte desta trágica realidade – como aponta uma matéria da BBC News, publicada em 10 de agosto de 2021. Passamos, então, a lidar com Algarismos

cada vez mais significativos e assustadores que, lentamente, foram introduzidos ao nosso novo padrão de normalidade.

Observar à essa barbárie e o quadro catastrófico que interpela a vida cotidiana, nos remete ao panorama de um abatedouro/frigorífico. Entretanto, o produto a ser consumido, desta vez, é a própria carne humana. E os consumidores são, ninguém menos, que a própria postura de descaso e indiferença perante a dor da perda a qual atravessamos. Passamos por cima dos corpos para seguir o bonde da normalidade. Entretanto, “não seria melhor dar à morte o lugar que lhe é devido na realidade e em nossos pensamentos [...]?” escreve Freud (1915). Tomando como referência as teses do mestre de Viena, dar o devido lugar à morte não se trata, de maneira alguma, de negá-la ou simplesmente ignorá-la. Freud refere-se, sobretudo, ao fato de a morte ser vivenciada, encarada e, por esta via, sentida efetivamente em nosso psiquismo.

No entanto, o que a sociedade anda fazendo é justamente o contrário, pois ao fechar os olhos para a dor e recorrer à mecanismos que auxiliem no processo de negação da realidade – como o álcool, as drogas, as redes sociais e os vícios, de forma geral – acabamos por nos afastar completamente das feridas que compõem a nossa condição existencial, encontrando uma saída que nos aliena e nos anestesia, simultaneamente – tudo isso amarrado à postura negacionista do governo. É possível, com isso, identificar um preço alto a ser pago com a nossa própria saúde mental. Freud, seguindo por essa via, também explorou as consequências de um traumatismo social severo em seu conhecido ensaio “Introdução a psicanálise das neuroses de guerra” (1919).

Além disso, é fundamental salientar que o processo de luto se faz e se elabora através da partilha e do trabalho social. Conversando com o outro, chorando com o próximo e sentindo o seu abraço de pêsames – esses, certamente, são gestos e atitudes que nos auxiliam a lidar com as perdas e, por conseguinte, elaborá-las (HOMEM, 2020). Todavia, perante o atual panorama, não podemos ter velórios; sequer podemos nos abraçar ou encostar no ombro de um amigo para chorar. Acompanhemos a seguinte citação que sustenta tais ponderações:

Luto, então, demanda tempo que permite o trabalho que se dá no espaço. No espaço da relação com o outro, na partilha com os outros. O luto sempre tem uma dimensão íntima, daquele sofrimento que é só seu; uma dimensão privada, daquilo que circula nos próximos daquele que partiu; e uma dimensão pública, de reconhecimento daquela perda e do valor de quem morreu. Respeitamos e acolhemos a perda que está sendo vivida por aqueles que perdem algo que fará falta e dava sustentação a algo. O valor da perda é tão maior quanto maior o grau de sustentação, justamente, que esse outro concedia a quem lhe perdeu. [...] E assim o luto é partilha e trabalho social. Como diz

um ditado africano, é preciso uma vila para educar uma criança. Assim como é preciso uma vila para se atravessar o luto. Há que se chorar nossa perda e nossos mortos junto com os vivos, num processo de reconhecimento da vivência da perda e do esforço para se abrir a fresta para o sopro de vida. (HOMEM, 2020)

Contrariando tais afirmações que englobam o trabalho de elaboração de um luto, o governo brasileiro tem ignorado a dor de grande parte da população, enquanto a pandemia nos inibe de sentir o pesar da morte de um ente querido. Não dá para se despedir e, sem esse gesto, o ritual que sustenta o símbolo da morte não se fecha, nem se cumpre. Muito pelo contrário, ele permanece aberto, pulsando e doendo. “Como temos aprendido, há que se realizar algumas operações lógicas (subjetivas) para poder atravessar um luto. Reconhecê-lo é central. E isso pode demorar” (HOMEM, 2020). É preciso, portanto, que choremos por nossas perdas, compartilhando a ausência dos mortos com os vivos. Porém, o isolamento social, lamentavelmente, nos privou dessa vivência. Tivemos que enfrentar um corte, uma castração que, pelo menos por hora, ainda não estávamos preparados. Perdemos o chão e, de tal modo, passamos a vagar desorientados, sem qualquer movimento de amparo ou expectativa de prosperidade.

Os reflexos que essa pandemia, combinada às indiferenças do atual (des)governo, deixarão em nossas memórias são fatores, no mínimo, imensuráveis, por enquanto. O que sabemos, de fato, é que a procura nos consultórios psicológicos, psicanalíticos e psiquiátricos tem aumentado relativamente. Uma matéria publicada pelo Jornal do Campus da USP, de 9 de julho de 2020, nos mostra que com quase um mês de isolamento social mais rígido, de 19 a 25 de abril, a busca pelo termo atendimento psicológico foi de 84%, enquanto a do *on-line* ficou em 33%. Depois de dois meses de quarentena, de 24 a 30 de maio, esses números eram respectivamente 76% e 50% (LÓPEZ, 2020).

Quando somos submetidos à uma perda inesperada, seja de alguém que amamos ou de uma posição que ocupamos, logo, somos atormentados pela sombra do objeto que recai sobre o Eu – como escreve Freud em 1917. O que o autor pretende nos dizer com essa afirmativa? De modo geral, ele expõe que os objetos do nosso cotidiano, que podem ser pessoas, coisas ou lugares, sustentam a nossa existência, ou seja, eles garantem uma espécie de suporte ao nosso ser que, nesse âmbito, produzem a formação da nossa identidade. Quando perdemos algum desses objetos preciosos, é como se uma parte de nós fosse arrancada abruptamente, restando um vazio, um buraco, uma marca. Acompanhemos a citação do texto freudiano:

Não há dificuldade, então, em reconstruir esse processo. Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal – a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo –, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificação pela identificação. (FREUD, 1917/2010, pp. 180-181)

No atual cenário pandêmico tornou-se comum recebermos em nossos consultórios indivíduos que, por conta da crise econômica, queixam-se, penosamente, da perda de seu antigo emprego ou condição econômica que possuíam antes da pandemia. Os impactos dessa perda podem ser os mais terríveis possíveis e imagináveis sobre as formas de subjetivação e manifestação de sofrimento. Muitos desses sujeitos costumam dizer que “viviam para o seu emprego” e, por esse motivo, ao serem dispensados perderam, também, a sua razão de viver, pois o que se formou, ao longo desses anos de dedicação exclusiva ao trabalho, foi uma espécie de identificação adesiva com o objeto (identificação narcísica, como Freud apontou em 1914, no seu brilhante texto “Introdução ao narcisismo”). “A sombra do objeto caiu sobre o Eu” (Freud, 1917/2010, p. 180) e, diante disso, a vida acabou perdendo os seus nuances de cor e sabor – um processo complexo de ser revertido no território terapêutico e que, certamente, demandará uma estratégia clínica específica (e cuidadosa) do profissional que o enfrentará.

2 O TRAUMA PSÍQUICO PARA FERENCZI E O CONTEXTO ESCOLAR

Neste ponto do trabalho, podemos adentrar o contexto escolar e educacional. Do dia para a noite os professores precisaram se adaptar à uma dinâmica de ensino *on-line* que, antes da pandemia, ocupava apenas alguns cenários específicos de atividades selecionadas. Repentinamente, muitos educadores tiveram que aderir à essa modalidade remota – única alternativa de esperança em meio ao caos anunciado, que possibilitou a continuidade do ensino mesmo nas condições inóspitas de isolamento social.

O luto não pôde ser vivenciado em doses homeopáticas. Pelo contrário, fora introjetado brutalmente no interior psíquico e emocional do profissional da educação que já se encontrava fragilizado devido aos estragos da pandemia que acometia a todos, sem exceção.

Nos referimos, aqui, não somente ao luto das pessoas amadas e conhecidas, mas à perda do cotidiano pedagógico, ou seja, do giz, da lousa, dos sons, do cheiro da cantina, dos cafés, dos diálogos e das risadas imprevisíveis procedentes do encontro com o próximo.

Diante disso, os professores tiveram que, magicamente, aprender a lidar com as novas plataformas educacionais, do mesmo modo que os alunos e as famílias iam se adaptando ao ritmo das novas exigências pedagógicas. De forma geral, todos os integrantes que compõem a trama do contexto escolar não tiveram tempo suficiente para se adaptarem às novas formas de ser e estar na cultura e na sociedade. Foi tudo muito rápido e apressado, atropelando sentimentos que deveriam ter ganhado um mínimo de contorno e amparo. Aqui, é possível adentrarmos na teoria do trauma proposta por Sándor Ferenczi (1873-1933), analista húngaro, contemporâneo à Freud, que retomou as teses de seu mestre a respeito do trauma psíquico e atribuiu um novo e enriquecedor sentido à essas ideias.

Ferenczi (1932), ao tratar de indivíduos extremamente fragilizados, redefine a concepção de trauma, tecendo considerações bastante intrincadas que partiam de sua própria experiência clínica. O autor, conhecido por lidar com pacientes difíceis – psicóticos e *borderlines* – foi capaz de se debruçar sobre a possível origem de determinados mecanismos internos que promoviam o colapso traumático, após uma experiência vivenciada externamente (no mundo real) pelo sujeito traumatizado.

Ferenczi (1929) retira, assim, o peso exclusivamente dado ao campo da fantasia (mundo interno) para a constituição do trauma e coloca os fatores ambientais como uma espécie de pedra angular em sua teoria. Em outras palavras, o contexto da experiência vivida pelo indivíduo tem uma responsabilidade fortemente traumática, dada a sua incapacidade de processar a realidade que se impõe de forma tão brutal e violenta. Caminhemos com o autor:

A criança deve ser levada, por um prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados, a perdoar aos pais por terem-na posto no mundo sem lhe perguntar qual era a sua intenção, pois, caso contrário, as pulsões de destruição logo entram em ação. E, no fundo, não há motivos de espanto, uma vez que o bebê, ao contrário do adulto, ainda se encontra muito mais perto do não ser individual, do qual não foi afastado pela experiência de vida. Deslizar de novo para esse não ser poderia, portanto, nas crianças, acontecer de um modo muito mais fácil. (FERENCZI, 1929/2011, p. 58)

Neste texto de 1929, fica evidente a marca original do pensamento desse psicanalista, pois, para ele, era indispensável ao desenvolvimento psíquico a presença de um ambiente acolhedor que pudesse favorecer o amadurecimento saudável da criança. Ferenczi subverte,

portanto, a lógica freudiana que consistia na compreensão da presença de uma pulsão de morte inata que governaria as forças vitais do psiquismo (FREUD, 1920). Para o autor húngaro, o desejo de não viver estaria muito mais relacionado à capacidade do meio em se adaptar às necessidades do infante – que chega ao mundo numa condição inata de vulnerabilidade –, do que à um fator especulativo intrapsíquico – a pulsão de morte de Freud (1920).

O atendimento de pacientes fragilizados e a investigação da origem traumática, possibilitaram à Ferenczi a formulação de uma teoria específica sobre o trauma, que pode ser resumida da seguinte forma:

[...] a violação cometida pelo adulto agressor remete a criança ao tempo do indizível, primeiro tempo do trauma, que lhe provoca dor/angústia traumática; o gesto da criança em direção a outro adulto confiável capaz de auxiliá-la a simbolizar a dor promovida pela violação caracteriza o segundo tempo do trauma, o tempo do testemunho, decisivo para a consecução do evento; finalmente, a *Verleugnung* perpetrada pelo segundo adulto, que acarreta o fracasso do testemunho da criança, caracteriza o tempo do desmentido, completando o círculo vicioso da traumatogênese. A criança padece então da agonia insuportável e recorre à desautorização por meio da identificação com seu agressor, que promove a incorporação da culpa pela catástrofe sofrida, negando as evidências e contradizendo suas próprias percepções. (KUPERMANN, 2019, p. 65)

Pois bem, Ferenczi (1933) nos apresenta a preciosa noção de “desmentido” (*Verleugnung*); diante de um fato subitamente traumático, o sujeito busca entre os seus pares, alguém que possa dar algum contorno à sua experiência indizível; algum ser que possa testemunhar a sua dor legitimamente, oferecendo relevância a ela. Ao recorrer à escuta de um outro e sem poder contar com isso, o trauma sofre um aumento de intensidade, promovendo fragmentações graves no psiquismo do indivíduo.

Nessa situação, o Eu do indivíduo traumatizado se divide em duas partes que não mantêm contato entre si: um Eu que sabe e um Eu que sente. Essas partes não se comunicam uma com a outra, não trocam informações, nem interagem de forma conectada. O Eu que estabelece relações com o mundo permanece anestesiado – e, com isso, pode acabar amadurecendo rápido demais, como os frutos que amadurecem antes do tempo estimado, devido às bicadas dos pássaros, analogia usada por Ferenczi (1933): “Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado” (FERENCZI, 1933/2011, p. 104). Já o Eu que sente, permanece afastado do mundo externo, a fim de manter protegida a criança que fora

psiquicamente destruída pela situação traumática. Essa clivagem é uma defesa do sujeito para não sucumbir à dor e à desorganização que lhe foram impostas de fora, forçadamente (FERENCZI, 1931).

Caminhando por essa via, é possível traçarmos algumas reflexões, ainda que bastante gerais, acerca do contexto desordenado que se instalou logo no início da pandemia: professores e alunos desesperados por terem que se adaptar a uma rotina totalmente nova e que, muitas vezes, assistiam, passivamente, às suas queixas caindo em um vazio da ausência de um testemunho que validasse o seu sofrimento e consternação. Diversos educadores não encontraram apoio na própria instituição escolar que, por sua vez, também estava desamparada pelo Estado – é preciso lembrar, aqui, que muitas escolas particulares não receberam qualquer auxílio financeiro do governo para se manterem funcionando, enquanto, por outro lado, várias instituições públicas ficaram perdidas sem as orientações das Diretorias de Ensino que mal sabiam o que fazer, soma-se a isso a incompetência do poder público para conter o contágio viral e o descaso geral com as pastas relacionadas à educação.

Uma matéria publicada em 22 de julho de 2020, pelo Caderno de Economia do UOL, destaca uma fala realizada pelo presidente da Fenep (Federação Nacional das Escolas Particulares), Ademar Batista Pereira, que estima que 10% das escolas de educação infantil particulares já tenham fechado no Brasil e as unidades que atendem crianças de 0 a 5 anos tenham perdido 60% dos alunos. O país tem 32,8 mil escolas privadas de educação infantil, segundo dados do Censo Escolar, de 2018. O cenário é mais grave nas instituições para as crianças menores ainda, de 0 a 3 anos, e naquelas de periferia (MARQUES, 2020). O Semeei, sindicato que representa as escolas de educação infantil, prevê que 80% dos colégios para essa faixa etária (dos 12 mil existentes no estado) não consigam reabrir em setembro de 2020, quando, supostamente, deveria ter sido autorizado o retorno presencial – o que, de fato, não ocorreu.

Nota-se, então, o surgimento de uma espécie de “desmentido coletivo”. Crianças assustadas que não podiam contar com o apoio dos pais e professores que, por sua vez, também estavam perdidos por não encontrarem alguém ou algum lugar que fosse bom o suficiente para dar contornos às suas ansiedades, angústias e inseguranças – esses sujeitos sequer tinham a certeza de que permaneceriam empregados até o final do ano letivo de 2020, como aponta a matéria acima.

O fato é que o trauma é extremamente desorganizador (FERENCZI, 1933); gera rupturas, novas formas de sofrimento e, muitas vezes, paralisa o sujeito, conforme é possível

acompanhar por meio das citações das ideias de Sándor Ferenczi mencionadas ao longo desse artigo. Nesse sentido, vale destacar que as transformações que se impuseram repentinamente na vida dos profissionais da educação podem ter tido um impacto bastante significativo na formação das mais variadas formas de adoecimento psíquico que compõem, efetivamente, os dados quantitativos apontados nos parágrafos anteriores.

Ainda trabalhando com o cenário brasileiro, mais especificamente, entre 16 e 28 de maio de 2020, a revista Nova Escola (de julho de 2020) realizou a pesquisa “A situação dos professores no Brasil durante a pandemia”, que contou com mais de 8,1 mil respondentes da Educação Básica. Destes, apenas 8% declararam se sentir ótimos ao comparar sua saúde emocional com o período pré-pandemia. Outros 28% a consideraram péssima ou ruim neste momento e 30% classificam como razoável. Nos comentários, entre os termos mais utilizados pelos professores para descrever a situação aparecem ansiedade, cansaço, estresse, preocupação, insegurança, medo, cobrança e angústia (BIMBATI, 2020).

Uma matéria publicada pela BBC News em 11 de maio de 2020, evidencia que, durante o período crítico de quarentena, foi possível observar que muitos professores e alunos afirmavam estar funcionando de “forma automática”, apenas cumprindo as obrigações impostas pela ordem hierárquica – os professores cumpriam as metas dos planejamentos e deveres pedagógicos; os alunos faziam o mínimo para não reprovarem dentro de suas condições limitantes (BORGES, 2020).

É plausível notar, por meio desses dados veiculados em noticiários, o que Ferenczi (1933) delineou com clareza a respeito da experiência traumática: uma parte que sabe e outra que sente, sendo que uma não se comunica com a outra. Sob esse parâmetro, o espaço terapêutico, passa a representar, então, através do fluxo das sessões, um lugar de testemunho, para que a vivência traumática receba algum tipo de contorno – um processo que demanda paciência e respeito ao tempo do paciente, sobretudo. Pensar por essa ótica, nos auxilia a conceber um modelo de clínica empática, na qual as experiências traumáticas possam ser experimentadas e integradas ao Eu do sujeito pela primeira vez, ainda que após a sua ocorrência original paralisante e mortífera (KUPERMANN, 2019).

No seu memorável ensaio “Elasticidade da técnica psicanalítica” de 1928, Ferenczi salienta a importância da análise pessoal do analista como sendo o alicerce principal do seu processo de formação: “[...] quem quiser analisar os outros deve, em primeiro lugar, ser ele próprio analisado” (FERENCZI, 1928/2011, p. 31). Para tratar desses pacientes chamados “difíceis”, é necessário ter conhecido mais profundamente as nossas fraquezas, para

desenvolver condições de escutar e acolher genuinamente o sofrimento do outro. Nas palavras do autor:

Adquiri a convicção de que se trata, antes de tudo, de uma questão de tato psicológico, de saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para extrair dele certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc. (FERENCZI, 1928/2011, p. 31)

Antes de qualquer coisa, é preciso salientar que um professor só será capaz de acolher o seu aluno, se ele próprio tiver sido, primeiramente, acolhido e cuidado. Sendo assim, ampliamos a nossa discussão para a esfera das políticas públicas, pois uma instituição educacional só poderá prestar esse tipo de amparo, caso ela também esteja minimamente organizada e orientada pelo Estado para a criação e implantação de tal espaço de escuta e testemunho. Não investir em saúde mental agora significa colher os frutos do abandono no futuro – um preço que, inevitavelmente, teremos que pagar.

Todos esses registros nos levam a cogitar uma condição de “desmentido social” – parafraseando o termo usado por Ferenczi (1933) –, pois, diante desse cenário de descaso e abandono, erigido pela notável indiferença das políticas públicas, as instituições educacionais não podem encontrar um apoio às suas queixas ou, pelo menos, uma sustentação, um testemunho para a sua condição de fragilidade, levando em conta suas demandas de emergência financeira e estrutural. Desoladas, as escolas que conseguem sobreviver após essa crise financeira, não são capazes de oferecer uma rede de apoio aos alunos e familiares que, também, encontram-se confusos e vulneráveis nesse contexto. Nos deparamos, então, com uma abissal “onda traumática” que se alastra silenciosa e perigosamente pelos dutos sociais, produzindo ressonâncias demasiadamente expressivas sobre as estruturas psíquicas de todos os pares que são atingidos por ela.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se considera a aplicação massiva do ensino remoto, o primeiro desafio encontrado diz respeito à estrutura necessária para a realização dessa modalidade educativa. Isso implica em oferecer a todos os alunos um ambiente minimamente organizado e propício para o estudo, além de equipamentos eletrônicos adequados e acesso à internet de qualidade.

Perante a atual realidade brasileira, tais exigências denunciam, e até mesmo intensificam, a triste desigualdade social que assola o país e invade os espaços da escola, instituição cujo princípio, embora nunca verdadeiramente realizado, sempre foi o de superar essas desigualdades.

Os números, antes da pandemia, já acusavam a desigualdade racial e econômica no país. Uma das pesquisas que integram a publicação, realizada pela Fundação Lemann, o Itaú Social e *Imaginable Futures*, mostra que, três meses depois do início da suspensão das aulas presenciais, ainda havia cerca de 4,8 milhões de estudantes, o equivalente a 18% do total de alunos do ensino fundamental e do ensino médio da rede pública, que não teriam recebido nenhum tipo de atividade, nem por meios eletrônicos, nem impressos (TOKARNIA, 2021) – de acordo com uma matéria publicada no *site* Agência Brasil, em 9 de fevereiro de 2021.

Além disso, a mesma reportagem indica que mais de quatro em cada dez estudantes, o equivalente a 42%, não teriam, segundo seus familiares, equipamentos e condições de acesso adequados para o contexto da educação não presencial. Ficaram também evidentes desigualdades regionais. Enquanto quase sete em cada dez estudantes do ensino médio na Região Sudeste tiveram aulas *on-line* mediadas por seus professores, essa proporção foi de pouco mais de quatro em cada dez nas regiões Nordeste e Sul (TOKARNIA, 2021).

Assim, para muitas famílias, a precariedade de recursos impossibilita a realização das atividades escolares enquanto as aulas presenciais permanecem suspensas. Já nos casos em que as condições são favoráveis e as dificuldades não são encaradas como um problema, ainda nos resta uma última pergunta: em que medida é possível replicar a experiência escolar no contexto de uma realidade virtual?

Isolados na privacidade de seus espaços – quando essa realmente existe – os alunos não mais integram uma totalidade que antes era representada pelo ambiente da sala de aula, mas fecham-se em unidades que privam a comunicação entre os seus pares. Afinal, muitas das câmeras do *Zoom* e outros aplicativos permanecem fechadas durante as aulas, resultando em um isolamento ainda mais extremo; o que evidencia um abismo na relação professor-aluno. Abismo esse que ganha forma através da solidão – dos dois lados, obviamente.

Estamos, portanto, todos sozinhos, à espera de uma escuta. À espera de um milagre. À espera de dias melhores. Enquanto eles não chegam, o trabalho da psicologia, em parceria com o campo educacional se faz urgente e extremamente necessário.

É necessário que haja um espaço para o testemunho do trauma – que é sempre da ordem do indizível, como assinala Ferenczi (1933). A experiência traumática congela,

paralisa e dissolve o psiquismo num estado de desintegração intensamente angustiante. É por meio do relato que bordejamos as linhas que contornam o traumatismo – uma experiência dolorosa e nada fácil de encarar, por sinal. A psicologia precisa estender as suas mãos à educação e, juntas, seguirem um caminho que promova mais aproximações do que afastamentos – pois, de distância, já basta a social a qual estamos vivenciando. Birman (2020) destaca que:

[...] quando não pode contar com instâncias de proteção pública que sejam confiáveis, como ocorreu concretamente no contexto social brasileiro modelado pela dupla mensagem, o sujeito se inscreve no registro psíquico do desalento. Com efeito, sem saber com quem contar para lhe proteger, o sujeito se sente entregue ao acaso e ao indeterminado, assim como ao que é arbitrário na existência, em que tudo de pior pode lhe acontecer, afetando, então, os diferentes registros do real e do psiquismo. (BIRMAN, 2020, p. 136)

Tomando essa citação como exercício de reflexão, podemos conceber um paradoxo que envolve o uso dos recursos virtuais. Esses dispositivos, de alguma forma, facilitaram o exercício do trabalho terapêutico e abriram possibilidades de atuação do profissional de saúde mental nos mais diversos cenários sociais. É necessário, no entanto, que caminhemos ainda mais.

A psicologia precisa desconstruir as barreiras que, muitas vezes, a nossa própria origem cultural, ajudou a erguer – como o mito de que cuidar da saúde mental é um luxo ou, em contrapartida, “coisa de louco”. O trabalho primoroso que podemos acompanhar sobre a disseminação de conteúdos de qualidade em plataformas como o *Youtube* e o *Instagram*, representam, simbolicamente, uma certa esperança. Nada como conhecer o assunto e aprofundar o debate para desfazer mal-entendidos. Nesse sentido, vale destacar que psicanálise também precisa sair de sua cápsula narcísica e cruzar as fronteiras da escola, tal como de outras células sociais.

O luto que se desvela, nas suas mais variadas ramificações, neste contexto pandêmico, só poderá ser elaborado, muito provavelmente, pela via do testemunho, realizado por alguém que se disponha ativamente a escutar a dor do outro, as feridas do desamparo – como nos propõe Ferenczi (1928). Nas palavras do autor: “[...] só uma verdadeira posição de ‘sentir com’ pode ajudar-nos [...]” (FERENCZI, 1928/2011, p. 37). Sem escuta, a experiência cai no vazio, se perde, se esfumaça em meio ao contexto de agonias. A escuta dá forma, dá corpo e,

por isso, é tão transformadora – aspectos que revelam a seriedade da eficácia do diálogo entre educação, psicologia e psicanálise.

Aqui, cabe também assinalar o óbvio, ou seja, a importância da construção de políticas públicas capazes de acolher a escola, tanto no que consiste às suas dificuldades financeiras, com apoios e programas de recuperação empresarial, quanto no que incide sobre o trabalho de orientação e cuidado com as instituições de ensino do setor público, garantindo também recursos materiais que possam diminuir a desigualdade social que impera nos contextos mais vulneráveis de nossa cultura, pois a “ausência dessa instância de proteção pode conduzir o indivíduo inequivocamente à condição subjetiva do desalento, que tem um efeito sobre o psíquico de fragmentação e desconstrução” (BIRMAN, 2020, p. 152) – características presentes no episódio traumático, como bem comprovou Ferenczi (1933).

Apesar disso, a psicanálise ferencziana nos ensina que o trauma possui traços marcantes de silêncio. Um ruído calado e indizível que rasga as membranas da alma, por isso, precisa ser ouvido. Nesse sentido, recorrendo às implicações poéticas que uma canção é capaz de produzir sobre nós, finalizamos o nosso artigo com as seguintes palavras cantadas:

Quando o mar tem mais segredo
Não é quando ele se agita
Nem é quando é tempestade
Nem é quando é ventania
Quando o mar tem mais segredo
É quando é calmaria

Trecho da letra da música “Amor, amor” (1977), de Sueli Costa e Cacaso, lançada no álbum Sueli Costa.

4 REFERÊNCIAS

BIMBATI, A. P. **Qual é a situação dos professores brasileiros durante a pandemia?** 2020. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19386/qual-e-a-situacao-dos-professores-brasileiros-durante-a-pandemia>>. Acesso em 4 dez. 2021.

BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

BORGES, D. **Ensino a distância na quarentena esbarra na realidade de alunos e professores da rede pública.** 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52568678>>. Acesso em 4 dez. 2021.

CARRANÇA, T. **Economia em 2022: por que expectativas para o Brasil estão piorando rapidamente.** 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58566039>>. Acesso em 4 dez. 2021.

FERENCZI, S. **Diário Clínico.** São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Trabalho original publicado em 1932)

FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In FERENCZI, S. **Obras completas, vol. 4.** São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 29-42. (Trabalho original publicado em 1928)

FERENCZI, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In FERENCZI, S. **Obras completas, vol. 4.** São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 55-60. (Trabalho original publicado em 1929)

FERENCZI, S. Análise de crianças com adultos. In FERENCZI, S. **Obras completas, vol. 4.** São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 79-96. (Trabalho original publicado em 1931)

FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In FERENCZI, S. **Obras completas, vol. 4.** São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-125. (Trabalho original publicado em 1933)

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In FREUD, S. **Obras completas, vol. 12.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50. (Trabalho original publicado em 1914)

FREUD, S. Considerações atuais sobre a Guerra e a morte. In FREUD, S. **Obras completas, vol. 12.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 209-246. (Trabalho original publicado em 1915)

FREUD, S. Luto e melancolia. In FREUD, S. **Obras completas, vol. 12.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194. (Trabalho original publicado em 1917)

FREUD, S. Introdução a psicanálise das neuroses de guerra. In FREUD, S. **Obras completas, vol. 14.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 382-388. (Trabalho original publicado em 1919)

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In FREUD, S. **Obras completas, vol. 14.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239. (Trabalho original publicado em 1920)

G1. **Brasil tem mais de 580 mil mortos por Covid, com 882 óbitos registrados em 24 horas.** 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/08/31/brasil-tem-mais-de-580-mil-mortos-por-covid-com-882-obitos-registrados-em-24-horas.ghtml>>. Acessado em 4 dez. 2021.

HOMEM, M. **Lupa da alma: quarentena revelação.** São Paulo: Todavia, 2020. E-book Kindle.

KUPERMANN, D. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019.

LÓPEZ, M. L. **Crescem busca por terapia e número de projetos envolvendo o tema.** 2020. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/07/crescem-busca-por-terapia-e-numero-de-projetos-envolvendo-o-tema/>>. Acessado em 4 dez. 2021.

MARQUES, J. **Colégios infantis em São Paulo fecham as portas.** 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/07/22/colegios-infantis-de-sao-paulo-fecham-as-portas.htm>>. Acessado em 4 dez. 2021.

TOKARNIA, M. **Estudo reúne pesquisas sobre educação na pandemia.** 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-02/estudo-reune-pesquisas-sobre-educacao-na-pandemia>>. Acessado em 4 dez. 2021.